



UM ESPAÇO POLÊMICO DE LEITURAS PELO *YOUTUBE* NA CONTEMPORANEIDADE

Juciele Pereira Dias¹

27 de janeiro de 2013: Acordo e atendo o celular...
Ligo a televisão...
Ligo o computador...
Entro no Facebook...
“Durmo”;

28 de janeiro de 2013: Acordo e atendo o celular,
ligo a televisão, ligo o computador, entro no Facebook...
e no *Youtube*.

O estudo do *Youtube*, enquanto um espaço polêmico de leituras, está fundamentado nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso - e retoma uma proposta de confronto entre as culturas literária e científica (Pêcheux, 1983), sem privilegiar ou filiar-se a uma ou a outra - de modo a constituir uma discussão sobre as práticas do trabalho de leitura de arquivo na contemporaneidade. Com o objetivo de compreender o funcionamento do arquivo à luz das novas tecnologias de linguagem e o modo como a rede social, o *Youtube*, constitui-se nesse lugar, estamos trabalhando a questão de como os jovens brasileiros se representam socialmente, como se posicionam frente a acontecimentos de nosso cotidiano sociocultural, muitas vezes confrontando ou rejeitando políticas públicas que, em princípio, visam atingi-los e integrá-los socialmente. Para isso, temos empreendido recortes de materialidades verbais e não-verbais do *Youtube* e analisado seus funcionamentos a partir de séries associativas de diferentes percursos de leitura, mas ainda sem uma “liberdade” de dispersão temática.

A instabilidade acerca da temática é própria do funcionamento do *Youtube*, a qual passa a ser constitutiva do percurso analítico do referido estudo. Nesse sentido, tem sido pelo próprio confronto entre tentativas de estabelecer recortes para análise e a intermitência de leituras (reformuladas, repetidas, atravessadas) em circulação, que os diferentes gestos de leitura sobre esse funcionamento do *Youtube* constituem-no como lugar de trabalho de arquivo.

O breve apontamento pessoal - da epígrafe do presente texto em tela - traz à cena a representação de um modo de entrada no *Youtube*, pelo qual somos levados por injunção à gestos de interpretação sobre o funcionamento das tecnologias de linguagem como o Facebook, o celular ou smartphone, construídos, por sua vez, pela circulação de leituras enquanto possíveis recortes da

¹ Pós-doutoranda do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS), da Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista CAPES-PNPD, processo n. 007096/2011-76, do projeto *O brasileiro hoje: língua, cultura e novas relações sociais*, coordenado por Bethania Mariani.

realidade, sobre fatos e acontecimentos cotidianos. O recorte de uma possível leitura instaura-se como uma evidência da realidade, atravessada pelo funcionamento das novas tecnologias como intermediadora direta entre o homem e o mundo. Nesse sentido, temos um efeito da automatização das coisas do mundo em relação a uma “automatização” das leituras.

Inseridos na proposta de estudo sobre o funcionamento do Youtube, o início da pesquisa em pós-doutoramento se deu em janeiro deste ano, quando aconteceu ‘a tragédia na boate Kiss’, na cidade de Santa Maria. Em uma experiência pessoal de um olhar afetado por evidências produzidas pela mídia, fomos imersos em um processo de linearização das leituras, determinadas por um imaginário de diluição tempo-espacial em meio a circulação de vídeos sobre a tragédia na boate Kiss, que repetiam, intermitentemente, o mesmo (imagens, números e nomes) e, ao/no mesmo, silenciavam as possibilidades de o sentido vir a ser outro. Essa produção de um efeito intermitente do audiovisual – aquele que se repete, mas com pausas que descansam/asseguram o olhar barrando uma resistência à invasão das imagens – remete-nos ao próprio da constituição da linguagem digital, pelo sistema binário, fragmentado, que assegura o imaginário de um ritual sem falhas na língua metálica.

Se tomado enquanto um espaço de arquivamento do discurso audiovisual, o *Youtube* é construído por uma *dispersão* de temáticas e determinado por um *sistema seriado* de vídeos que leva a outros vídeos, por relações entre palavras que puxam outras palavras, em (re)construções morfossintáticas, repetindo-se. É próprio do funcionamento dessa rede social a tensão entre a dispersão e o sistema seriado que conduzem a cristalizações de sentidos e que demanda um trabalho de desautomatização das evidências de sentido desse funcionamento, pois no *Youtube* há formas de resistência de diferentes posições-sujeito em relação às tentativas de controle do sentido.

Dessa forma, propomos trabalhar um deslocamento do *Youtube* como rede de arquivamento para o *Youtube* enquanto um espaço de leitura de arquivo, constituído pelo discurso digital. Um documento físico, ao ser digitalizado, passa a ser outro documento, com propriedades específicas que podem singularizá-lo ou ainda esse documento pode funcionar como um recorte de um documento físico e estar determinado pelo funcionamento de ferramentas das novas tecnologias de linguagem. Essas ferramentas digitais regulam e também possibilitam um processo de constituição do arquivo na sua relação com outras formas de leitura.

Mariani (2012), em uma análise sobre o sistema de buscas nos catálogos digitais de bibliotecas e o imaginário de completude produzido pela relação entre a memória metálica e a memória institucionalizada (cf. Orlandi, 1996), faz a seguinte consideração sobre o trabalho de leitura do arquivo:

Se a memória metálica impede, restringe a leitura de arquivo, pois impede, já em um momento inicial do trabalho de leitura, o encontro do pesquisador com os textos a serem lidos, os gestos de leitura do pesquisador, com seu olhar opaco, podem desautomatizar e produzir questões sobre o funcionamento dessa memória metálica (Mariani, 2012, p. 94-95).

Essa tensão produzida pelo impedimento do acesso ao documento físico (analógico) e a regularidade das ferramentas digitais, que produzem o imaginário de uma completude do arquivo digital e de uma dispersão no arquivo físico a ser “organizada” por essas ferramentas, também tem, potencialmente, a possibilidade de abertura de uma dessuperficialização do processo de leituras pelo funcionamento de gestos outros constitutivos do próprio discurso digital. Quando tomamos o caso do Youtube, constituído por gestos de buscas, de comentários, de curtir, ou ainda a associação deste com outras redes sociais como o Facebook, potencialmente, temos a possibilidade dos documentos virem a ser polemizados, no ciberespaço, no processo de circulação de diferentes leituras sobre fatos e acontecimentos inscritos na temporalidade das redes sociais.

No arquivamento, diferente de um funcionamento do arquivo digital, há outro modo de compreensão, em que, pelo Youtube, um documento pode, ou não, circular repetidamente, acumulando número de visualizações, em que uma leitura sobrepõe-se pela quantidade/ verticalidade da “fonte”, por exemplo, uma mídia televisiva recortada e postada enquanto documento audiovisual nas redes sociais. A própria repetição, intermitente e seriada, interdita possibilidades de sentido outro em concomitância com a norma da língua metálica e a regularidade das ferramentas de linguagem. Essa norma, no ciberespaço, conforme Dias (2004), traz como regularidade a velocidade no tempo e no espaço linguísticos. A velocidade da escrita, a curta extensão dos enunciados postados, a rapidez com que se deve comentar, responder, compartilhar, curtir, atualizar ou ainda “ignorar”, pode ser posta em relação com a própria regra do digital, 0 e 1, ou ainda: tem ou não tem, viu ou não viu, curte ou não curte, compartilha ou não compartilha, aceita ou não aceita.

Para desenvolvermos nossa proposta de deslocamento do *Youtube* como espaço de arquivamento para o Youtube como espaço polêmico de leitura do arquivo, trabalharemos, primeiramente, a noção de arquivamento. Esta última tem sido proposta, em nossa pesquisa, a partir de uma relação com a noção de memória metálica, de Orlandi (1996), ou seja, aquela memória que “não falha e que se apresenta como ilimitada em sua extensão, só produz o mesmo, em sua variação, em suas combinatórias” (ORLANDI, 1996, p.15).

Para uma possível compreensão desse funcionamento do *Youtube*, podemos tomar como recortes tanto a materialidade do discurso audiovisual quanto a do discurso escrito de uma ferramenta de linguagem, por exemplo, a do comentário. Compreendemos o comentário, a partir de Oliveira (2005), como um acontecimento discursivo das novas tecnologias em funcionamento no ciberespaço, em que há um espaço de constituição do sujeito em redes sociais, tais como *Facebook*, *Youtube*, etc.

No caso do *Youtube*, há o funcionamento de um “vídeo” que, ao ser “postado”, é intitulado e tem como propriedade o recurso tecnológico de ferramentas de linguagens, que possibilitam o “compartilhamento” desse vídeo em redes sociais. Um vídeo do *Youtube*, por exemplo, ao ser postado no *Facebook*, pode vir a ser também comentado na segunda rede social, todavia os registros

desse comentários permanecem apenas nessa última. Também há a possibilidade de serem barrados os comentários dos vídeos no Youtube em que temos como exemplo vídeos dos discursos presidenciais, postados pelo “Palácio do Planalto”. No caso do vídeo sobre as ‘manifestações do movimento passe livre’, intitulado “Meu governo está ouvindo estas vozes pela mudança, afirma Dilma”², temos um gesto de reprodução do vídeo³ por outro ‘usuário’, que repete o título e o vídeo, todavia, libera e regula os comentários postados.

Um diferencial do “compartilhamento” é o que podemos chamar de *audiência*, ou seja, o número de “visualizações” do vídeo é registrado pelo *Youtube* colocando os vídeos mais vistos em evidência no sistema de buscas por “palavras-chave” ou mesmo no *site* enquanto “recomendados”. Esse funcionamento do *Youtube*, em si, como *site* de arquivamento nas suas articulações com redes sociais e como um espaço polêmico de gestos de leituras sobre fatos e acontecimentos em que estamos inseridos na atualidade demanda interpretação (Henry, 1984).

A noção de gesto é aqui compreendida, conforme Pêcheux (1969), como um ato no nível simbólico em meio a uma exemplificação sobre sistemas de signos – tais como os aplausos, o riso, o tumulto, os assobios – que intervêm em um discurso parlamentar institucional. Para o autor, tais intervenções (tradicionalmente classificadas como diretas ou indiretas, verbais ou não verbais) constituem-se enquanto *gestos*. Dessa maneira, para nós, gestos ainda seriam como uma intervenção simbólica, que promove um deslocamento em uma estrutura administrada pelo processo de produção de um discurso (im)posto em relações de poder e de sentidos (política).

Há de se salientar que a problemática de nossa pesquisa se centra no modo como o funcionamento do *Youtube*, enquanto um espaço de arquivamento e de audiência (leitura literal?) pode vir a constituir-se enquanto um espaço polêmico de leituras pela tensão entre as diferentes formas de se ler os vídeos atravessadas pela leitura dos comentários ou (re)intitulações dos vídeos “postados” em outras redes sociais. Nesse caso, pela tensão entre as diferentes leituras, por vezes fragmentadas em sistemas seriados das postagens, temos, ancorados em Orlandi (1996), uma questão de pesquisa constituída na relação entre arquivamento (memória metálica)/leitura do arquivo (memória institucionalizada/memória discursiva).

Nesse sentido, de modo mais amplo, a partir do *Youtube*, trabalhamos sobre o funcionamento dessa *cultura digital* (quantitativa, seletiva, mercadológica) em relação à questão da leitura na sociedade em rede, na contemporaneidade. A problemática metodológica está presente em muitos vídeos com grande número de visualizações, que trazem anúncios publicitários na abertura e funcionam como “parceiros do Youtube”. Isso pode ser analisado a partir de vídeos, “buscados” no *Youtube*, pelas denominações “como ganhar dinheiro no Youtube” ou, dito de outro modo, “como se tornar parceiro do *Youtube*”, etc.

² http://www.youtube.com/watch?v=xd92XE_4sgg, acessado em 15 de setembro de 2013.

³ <http://www.youtube.com/watch?v=Z4nx2r2sGMI>, acessado em 15 de setembro de 2013.



Inserido nessa cultura digital, da velocidade de circulação seriada e quantitativa, mais associada ao lazer, em casos de vídeos de músicas, filmes, cursos, o Youtube tem um funcionamento de espaço de arquivamento, mas também pode funcionar como um objeto simbólico pelo qual o sujeito se constitui no ciberespaço.

Para nossa análise sobre o Youtube como um espaço polêmico de leituras na contemporaneidade, estamos construindo um arquivo sobre a questão de como os jovens se representam em relação ao funcionamento do transporte público na cidade do Rio de Janeiro.

O modo como fatos são polemizados e recortados e postados no Youtube não, necessariamente, determina um sistema seriado e linearizado de leituras, como, no exemplo, de dois acidentes de trânsito incluídos em 2013, sendo que um deles provocou a queda do ônibus e a morte de passageiros⁴. A temática proposta para o estudo está inserida na investigação, pela Análise de Discurso, de como os jovens brasileiros se representam e se posicionam frente a acontecimentos de nosso cotidiano, está se direcionando para a questão de como os jovens se representam em relação ao funcionamento do transporte público na cidade do Rio de Janeiro. O modo como fatos são polemizados e recortados e postados no Youtube não, necessariamente, determina um sistema seriado e linearizado de leituras, como, no exemplo, de dois acidentes de trânsito incluídos em 2013, sendo que um deles provocou a queda do ônibus e a morte de passageiros⁵.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, Cristiane Pereira. *A discursividade da rede (de sentimentos): a sala de bate-papos HIV*. Tese de doutorado. Campinas: UNICAMP, 2004.

HENRY, Paul. A história não existe? In: ORLANDI, Eni. *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 1998. Tradução de: *L'histoire n'existe pas?*, 1984.

MARIANI, Bethania. Arquivo e língua nacional: percursos de pesquisa. In: TEDESCO, Maria Teresa; MEDEIROS, Vanise (Orgs.). *Travessias nos estudos de língua portuguesa: Homenagem a Evanildo Bechara e Olmar Guterres*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2010.

OLIVEIRA, Simone de Mello. *Diário íntimo e/ou blog: o mesmo e o diferente na cultura do ciberespaço*. Dissertação de mestrado. Santa Maria: UFSM, 2005.

ORLANDI, Eni P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. Tradução de Eni P.Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2.ed. Campinas: Unicamp, 1993. p.61-161. Tradução de: *Analyse automatique du discours*, 1969.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni. *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 1998. Tradução de: *Lire l'archive aujourd'hui*, 1982.

⁴ 1) <http://www.youtube.com/watch?v=9doAFRbczZQ> e

2) http://www.youtube.com/watch?v=5Bjzr9_KXIA, acessados em 15 de setembro de 2013, às 22 horas.

⁵ 1) <http://www.youtube.com/watch?v=9doAFRbczZQ> e

2) http://www.youtube.com/watch?v=5Bjzr9_KXIA, acessados em 15 de setembro de 2013, às 22 horas.